



ESPAÇOS¹

ESPACIOS

SPACES

Luiz Roberto de Souza (Luiz Pazzini)

Antes de qualquer coisa, é preciso arrumar a casa. A casa tem seus compartimentos. Espaços diferenciados. Nichos. Cada um desses nichos merece uma atenção especial para que você circule neles com desenvoltura, não confundindo-os uns com os outros. No fundo, esses espaços se articulam dialeticamente. Um não pode viver sem o outro. Existe uma interdependência entre esses espaços, o que os torna autônomos. Imaginem um espaço onde todos os espaços estão ali convivendo juntos, sem nenhum planejamento espacial, tudo misturado. O que será que aconteceria com um ser humano quando se visse projetado dentro de um espaço assim definido, isto é: misturado, sem delimitações que os caracterize, que mostrem suas diferenças? Com certeza, será um exercício para semideus viver num espaço assim.

Bem, agora pensamos no nosso espaço interno. Este espaço interno é extremamente mais complexo de ser administrado. Sob a superfície de nossa pele existem espaços. Espaços que muitas vezes não temos consciência deles. Existem espaços entre os órgãos, entre os ossos, entre as articulações, etc. O nosso corpo é formado por espaços. A nossa história de vida é um relacionamento com espaços. Esse espaço interno sofre uma atrofia dependendo do tipo de vida que levamos. Se o espaço externo está desorganizado, com certeza o espaço interno sofrerá com essa desorganização. O movimento entre esses dois espaços é dialético. Sabemos que nosso espaço externo, o espaço que circunda a nossa casa, e o nosso espaço interno dentro da casa, atualmente é uma calamidade. Ele está em processo de degeneração. Basta olhar ao redor, que sentimos o quanto estes espaços estão desorganizados. As ruas por onde andamos, cheias de

¹ Este texto compõe o acervo de escritos de Luiz Roberto de Souza (Luiz Pazzini), que nunca foram publicados e que permanecem em sua casa em São Luís-MA sob custódia do Grupo Cena Aberta. Não há menção de datas ou a quem se destina no documento original, que por sua vez se apresenta em formato digitado e sem apresentação de letras cursivas. O texto publicado aqui preserva a sua estrutura original, inclusive grifos e destaques especiais - que possam aparecer - sugeridos pelo autor. Atentando-se apenas à formatação da revista e a revisão textual de acordo com as novas regras ortográficas vigentes em 2021.

buracos, temos que desviar. Os bueiros a céu aberto, com toda a nossa merda, correm como rios pelas calçadas, temos que tapar o nariz. A poluição dos dejetos de nosso consumo diário, ficam expostos nos mangues que cercam nossa cidade, e servem às refeições suculentas para os ratos, baratas e outros animais perniciosos à saúde pública. Nosso céu é coalhado de urubus, eles adoram carniça. Bem, este é um estado de barbárie da administração pública da nossa polis contemporânea. Não nos espantamos mais com essa barbárie. Somos seres conformados? Passivos? Fingimos que não vemos? Viramos o olhar?

É certo que este espaço putrefato que nos cerca provoca um fechamento de nossos espaços internos. Estamos o tempo todo lutando com este espaço externo, para que ele não nos transforme também em detritos. É uma luta árdua para que ele não feche esses nossos espaços internos.

Um outro complicador do fechamento de nossos espaços internos, é a própria sociedade que na verdade administra ou tenta impor uma administração autoritária aos nossos espaços internos. Com suas regras medíocres, seus pré-conceitos hipócritas, seus hábitos sedimentados em conceitos pré-fabricados e estimulados pela nossa Indústria Cultural dos Bens Patrimoniais, com forte poder alienante, impede o livre trânsito entre os nossos espaços internos. E aí temos o Homem que temos hoje. Bloqueado. Cerceado em suas liberdades mais íntimas. Tanto físicas, quanto espirituais. Enfim, um Homem medroso. Um Homem que tem medo de lançar-se ao Desconhecido, ao "novo", a um vir-à-Ser Humano. Sim, pois a barbárie é o caminho do Homem-animal. O lixo de nossas cidades prova o quanto o Homem tem se transformado em animal, comedor de carniça. Artaud com certeza não sossegou ainda no túmulo! Seu grito de horror deve estar até hoje repercutindo nas esferas!

Qual será o nosso gesto? Se tivermos uma atitude compromissada com o vir-à-Ser Humano, provavelmente o gesto surgirá como imã, com sua carga energética que eletrizará, perturbará a ordem mediocremente estabelecida dos espaços internos bloqueados.

Temos a idade que temos. Foram tantos anos para sedimentar o corpo encalacrado. Não será possível arrancá-lo instantaneamente desse seu torpor, sem antes sabermos no que é que queremos. Libertá-lo talvez seja uma tarefa também de muitos anos. Mas tentar, ainda pode ser o único caminho. Não ao conformismo.

Como libertar esse Anjo do Desespero? Trabalhando. Dia e noite sem parar, sem descanso, sem tréguas. Criando. Enfrentando a barbárie com a Criação genuína, esta

que nasce do mais fundo de nossos espaços internos que gritam por libertação. É preciso dilatar esse corpo dilacerado, abrir espaços para que os nossos órgãos, nossos ossos, respirem. Mas é preciso querer. É preciso enfrentar esse dilaceramento que é mexer em nossas feridas, para um dia sermos um pouco mais livres, mais plenos.

O Homem sai do Mito da Caverna ou não. Participa do Banquete dos Vencedores ou não. Torna-se Sísifo, que empurra a pedra morro acima eternamente, ou não. Pois "Não há movimento na planície". Se torna o Anjo do Desespero ou não. Só resta ao Homem, duas soluções, abrir ou permanecer fechado nos seus espaços internos.